

PATRÍCIA UNYL

COMPOSIÇÃO ORACULAR

MOVIMENTOS POÉTICOS ENTRE A PESQUISA EM ARTE
E A EXPERIÊNCIA TEATRAL NO JARDIM TERAPÊUTICO



ORIENTAÇÃO DE
MESAC SILVEIRA

CIP - Catalogação na Publicação

UNYL , PATRICIA
Composição Oracular - Movimentos Poéticos entre a
Pesquisa em Arte e a Experiência Teatral no Jardim
Terapêutico / PATRICIA UNYL . -- 2023.
55 f.
Orientador: Mesac Silveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Teatro, Porto Alegre, BR-RS,
2023.

1. Teatro. 2. Composição . 3. Saúde Mental . 4.
Filosofia . 5. Artes. I. Silveira, Mesac, orient. II.
Titulo.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

COMPOSIÇÃO ORACULAR

Movimentos Poéticos Entre a Pesquisa em Arte e

a Experiência Teatral no Jardim Terapêutico

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Teatro sob orientação do Prof.

Dr. Mesac Silveira .

PATRÍCIA SOUZA DE ALMEIDA

Porto Alegre, 2023.

Agradeço especialmente ao meu orientador Mesac Silveira. Aos meus colegas, professores, funcionários, amigos, alunos ao longa da minha formação.

RESUMO

Um jardim situado nas dependências do Hospital Psiquiátrico São Pedro é palco e cenário para oficinas de teatro composta por estagiários de psicologia, participantes da Oficina de Criatividade e trabalhadores do hospital. A partir do encontro do campo denominado Arte-Loucura, as propostas realizadas neste jardim são disparadoras para pensar a composição de uma docência atravessada pela pesquisa em Arte e aberta ao heterogêneo, ao múltiplo onde exploramos princípios poéticos, fabulatórios, filosóficos, terapêuticos e artísticos de uma aula.

“Traga-me um pouco da grama que pegou sol ao seu lado”. John Cage em carta para Merce Cunningham.

PRIMEIRA PARTE

ENTRE A PESQUISA EM ARTE E A DOCENCIA TEATRAL EM SAÚDE MENTAL

Notas Introdutórias

I - Nosso Semear

Este trabalho de conclusão de curso, inserido na perspectiva da Pesquisa em Arte, propõe uma exploração rizomática¹ a partir das experiências artísticas que vivenciei em um Jardim Terapêutico no Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre. Uma prática artística pode instituir um “nós”, uma comunidade de experiência, de cuidado e de afeto. Neste espaço singular, o projeto investigou as relações possíveis entre arte, saúde mental e meio ambiente, considerando o Jardim Terapêutico como um dispositivo essencial de afecções sensíveis.

O Jardim Terapêutico, criado em 2021, emerge como um espaço de resistência e transformação, desafiando as concepções tradicionais que permeiam ambientes manicomiais. Ele se revela não apenas como um local de cura, mas como um campo fértil para a criatividade, onde as expressões artísticas se entrelaçam com práticas de cuidado e bem-estar mental.

Neste contexto, o Jardim Terapêutico desempenhou um papel crucial nas atividades desenvolvidas através do **Projeto Arte à Disposição**², na qual estava inserida pelo **Nutal**³ e que teve como objetivo promover a integração entre arte e saúde mental. O trabalho buscou explorar como as práticas artísticas podem atuar como espaços de sensibilização e fortalecimento de vínculos, fomentando relações dialógicas. Por meio

¹ Rizoma é o primeiro conceito apresentado no primeiro platô, de Deleuze e Guattari em que colhem da botânica duas formas diferentes de organização da multiplicidade.

² Projeto Arte à Disposição, é um projeto coordenado pela professora Paola Zordan.

³ NUTAL - Núcleo Transdisciplinar Arte e Loucura Tânia Mara Galli Fonseca, e do O Nutal - que é também um Programa de Extensão vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - é resultado de uma parceria com a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre.

das experiências trazidas nesta pesquisa, evidenciamos a importância do contato com a natureza e da arte como ferramentas capazes de transformar e enriquecer a vivência humana, contribuindo para uma abordagem mais holística da saúde mental e do cuidado no contexto terapêutico.

Inspirando-se nas propostas inovadoras da psiquiatra Nise da Silveira, nos anos 1940, a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro utiliza diversas práticas artísticas — incluindo pintura, teatro, cerâmica, música e escrita — como ferramentas de promoção da saúde. Estas práticas são direcionadas tanto aos pacientes internados quanto àqueles encaminhados por Centros de Atenção Psicossocial da região. Nise da Silveira, a partir da Psicologia Junguiana, postulava que a arte poderia revolucionar a comunicação com os pacientes, abrindo novas abordagens terapêuticas e ampliando horizontes imaginativos. Este trabalho é um recorte espaço-temporal, feito de escolhas e que buscou expandir essa integração entre vida, arte, saúde e comunidade, valorizando e ressignificando as relações construídas nesse espaço singular que é o jardim.

II - Dentro e Fora do Hospital Psiquiátrico São Pedro

Toda edificação está situada num lugar, numa cultura simbólica e social. Nesse caso os edifícios públicos hospitalares se valem do seu contexto. As artes traduzem um projeto de sociedade, um ideal de sujeito, um ideal de sociedade. A experiência estética é também política. Ela se refere a um modo de viver junto. O Hospital Psiquiátrico São Pedro, uma instituição estadual inserida no coração de Porto Alegre, representa um componente relevante na paisagem urbana da região. Carregando um legado histórico intenso, suas paredes testemunharam horrores, lutas e tragédias que permeiam a trajetória de muitas vidas. Assim, até mesmo aqueles que residem nas proximidades ou em bairros mais distantes da cidade são tocados por uma teia de narrativas que envolvem a instituição, frequentemente transmitidas por familiares, amigos, vizinhos e colegas. Essas histórias, embora muitas vezes envoltas em um certo mistério, se entrelaçam nas memórias coletivas da cidade, evocando uma consciência compartilhada sobre as experiências vividas ao longo dos anos.

A partir da reflexão proposta por Foucault (2006), podemos perceber que essas narrativas peripatéticas se fundamentam em vestígios documentais que, ao longo do tempo, foram registrados por mãos influenciadas pelas lógicas hegemônicas e manicomiais. Tais registros frequentemente relegaram ao segundo plano os afetos, personagens, paixões e vivências de indivíduos, priorizando anotações frias de altura, peso, diagnósticos e boletins de ocorrência. A relação entre a loucura e a cidade, portanto, é mediada por esses sussurros que transbordam os muros do Hospital Psiquiátrico São Pedro, tecidos por pessoas que cruzaram e continuam cruzando seus portões. Essas interações geram tramas soltas e infinitas que vão além da estrutura física do hospital, moldando uma compreensão mais ampla de como a loucura é percebida e vivenciada em um contexto urbano. Assim, o espaço hospitalar torna-se um ponto de convergência de histórias e experiências que desafiam a narrativa hegemônica, enriquecendo a complexidade das relações entre saúde mental e sociedade.

Capítulo 1: O Jardim como Espaço de Metamorfose e Vitalidade

O jardim, nesse contexto, não é apenas um espaço físico, mas um elemento simbólico que emana significados e provoca reflexões profundas sobre a vida, a saúde mental e as relações humanas. Ao analisarmos o jardim em suas dimensões espaciais e sensoriais, somos convidados a perceber a riqueza de suas formas, texturas e movimentos. Cada componente do jardim — desde as folhas macias das plantas até as superfícies estriadas das pedras — desempenha um papel fundamental na experiência estética e emocional que ele oferece.

Componentes Espaciais do Jardim

A diversidade de formas presentes no jardim é um convite à contemplação. As plantas, com suas folhas e flores em constante mudança, revelam um espetáculo visual que se transforma a cada estação. As texturas variadas, que vão do toque suave das

folhas às arestas rugosas dos troncos, proporcionam uma experiência tátil que conecta o ser humano ao ambiente natural. Essa multiplicidade sensorial atua sobre os frequentadores, evocando memórias e emoções e oferecendo um espaço de acolhimento e reflexão.

Além disso, o jardim provoca um movimento caracterizado pelo ritmo e pela velocidade. A maneira como se caminha por suas trilhas pode evocar sentimentos de tranquilidade e introspecção quando se faz em lentidão, enquanto uma caminhada rápida pode simbolizar a agitação da vida cotidiana. Esse dinamismo espacial ressalta não apenas a experiência individual, mas também a interação entre os visitantes e o espaço. O jardim se torna, assim, um palco onde se desenrolam diferentes histórias e vivências.

O Jardim como Alquimia e Metamorfose

Filosoficamente, o conceito de jardim como alquimia é profundamente relevante. Um jardim é um espaço de transformação contínua; mesmo suas formas fixas estão suscetíveis às intempéries e ao ciclo natural de crescimento e decadência. Essa metamorfose constante é o que infunde vida ao lugar, sugerindo um caráter orgânico que traz consigo o dinamismo intrínseco da própria existência.

Essa ideia de metamorfose pode ser explorada em várias camadas. Por um lado, o jardim serve como um reflexo da condição humana, onde cada pessoa que o frequenta traz consigo suas próprias experiências, desafios e histórias. Assim como as plantas e flores do jardim enfrentam a seca ou são renovadas pela chuva, os indivíduos se encontram em um estado de constante transformação, influenciados por fatores externos e internos. O jardim, nesse sentido, atua como um microcosmos da vida — um espaço onde a saúde mental e a expressão artística podem florescer apesar das adversidades

Podemos perceber que o jardim do Hospital Psiquiátrico São Pedro se configurou como um espaço de alívio e transformação num lugar comum de sofrimento e angústia. Em nossas intervenções artísticas, o jardim acolheu não apenas a vida vegetal, mas também as narrativas e experiências dos indivíduos que participaram das oficinas. Ao refletirmos sobre os componentes espaciais, a dinâmica de movimento e o caráter metamórfico do jardim, compreendemos que ele é, na verdade, um poderoso

aliado da resiliência humana e da busca constante por conexão e pertencimento. Assim, o nosso jardim emergiu como um ponto de encontro entre a arte, a saúde e a vida, revelando a riqueza de experiências que habitam esse espaço singular.

####1. 2. Voltar ao Jardim: Relato de Experiência

O ano de 2013 marca o início de uma importante jornada em minha vida, quando tive meu primeiro contato com o Hospital Psiquiátrico São Pedro, por meio de uma Residência em Saúde Mental Coletiva com ênfase em Artes pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS). Aquela experiência inicial foi transformadora, não apenas por me introduzir ao universo da saúde mental, mas também por me apresentar o poder da arte como um meio de expressão, cura e diálogo entre diferentes realidades. Nos projetos em que participei, tais como o "Desinsti" e a residência artística da Cia Teatral italiana Accademia Della Follia, pude vivenciar a dinâmica entre arte e psicologia, ao mesmo tempo em que compreendi as complexidades que envolvem as vivências de pessoas internadas e os desafios enfrentados pelo sistema de saúde mental.

Em 2022, a oportunidade de retornar ao Hospital Psiquiátrico São Pedro como bolsista do projeto "Arte à Disposição" trouxe à tona memórias e reflexões sobre aquela primeira vivência. Esse reencontro não foi apenas uma reaproximação física, mas uma volta ao encontro de diversas dimensões da saúde mental ali vividas, propiciando-me uma nova conexão com o território que anteriormente tinha explorado.

Diferente da experiência anterior, onde eu vinha a integrar projetos existentes, minha nova jornada me permitiu conhecer mais a fundo os trabalhos desenvolvidos na Oficina de Criatividade do H.P.S.P. Este espaço é notável, pois não apenas oferece atividades de artes plásticas a pacientes e moradores do hospital, mas também serve como um local onde universitários podem cumprir estágios curriculares, enriquecendo assim a formação acadêmica com um forte componente prático e humanitário. Um dos aspectos mais gratificantes desse retorno foi compreender como a Oficina de Criatividade se tornou um ponto de encontro para a troca de saberes e experiências que – ao integrar arte e saúde – promovem um ambiente de acolhimento e transformação.

Desde o início de minha participação no Projeto Arte à Disposição, proposto pela professora e artista Paola Zordan, fomos acolhidos com a missão de propor, compor e integrar de maneira livre, colaborativa e criativa à equipe da Oficina de Criatividade. Isso permitiu que tanto eu quanto meus colegas dessem voz às nossas inquietações e criássemos um espaço de diálogo, onde a arte se tornava uma ponte entre a comunidade e as realidades muitas vezes silenciadas dos pacientes. O espaço do jardim, ao qual frequentemente retornávamos, se apresentava como um reflexo dessa proposta: um lugar de cultivo, de crescimento e de multiplicidade de experiências. De práticas experimentais poéticas e cênicas que contaram com a imaginação e a inventividade, que contaram com as mãos e com o exercício de um pensar coletivo.

Assim, o jardim do Hospital Psiquiátrico São Pedro ao qual voltei não era apenas um local físico, mas um símbolo vivo do processo de transformação que se desenrolava em mim e nas interações estabelecidas com o outro. Cada visita a esse espaço renovava em mim a compreensão de que, assim como as plantas que ali floresciam, nós também somos produtos de nossas histórias, das circunstâncias que nos cercam e das relações que construímos. Ao revisitar esse ambiente, percebi que o verdadeiro retorno ao jardim não se limitava à sua forma, mas implicava, sobretudo, um reencontro com a essência da vida e a capacidade de transformação que reside em cada um de nós.

Capítulo 2: Teatro, Saúde Mental e Desinstitucionalização

1. Retomadas de Experiências Artísticas na Saúde Mental

Aqui trago a possibilidade de pensar experiências artísticas vividas no contexto da saúde mental que começaram em 2013 e se estenderam até 2023. Ao refletir sobre essas vivências, percebo como elas foram fundamentais para moldar meu entendimento sobre a arte como um meio de resistência e inclusão, não apenas para os que são

rotulados como “loucos”, mas para todos nós que buscamos conectar e expressar nossas vulnerabilidades. Aqui nos interessa mais identificar onde estão as forças vivas dentro de um hospital e como isso se dá cenicamente. Saber pensar nas contradições desse espaço.

Meu primeiro contato com os processos de criação artística na saúde mental foi mediado pela presença da Accademia Della Follia, que trouxe ao Hospital Psiquiátrico São Pedro a riqueza de uma prática que se recusa a silenciar vozes e experiências. A chegada de artistas como Charly, Donatela e Cinzia, junto com suas práticas inovadoras que mesclavam teatro, dança e música, trouxe uma nova luz ao ambiente muitas vezes opressivo dos hospitais psiquiátricos. A celebração da vida e a expressão artística que acompanham esses encontros não só despertam emoções, mas também provocam uma reavaliação do que é possível dentro de um sistema que historicamente se pautou pelo controle e pela normatização.

O cortejo cênico-musical que ocorreu durante a primeira fase de minha residência em saúde mental deixou em mim uma marca indelével. Não era apenas uma apresentação — era uma manifestação viva da capacidade do teatro de invadir os espaços antes considerados inóspitos. Essa experiência ressoou ao longo de toda a minha trajetória, ressurgindo em 2022 e 2023, quando pude aprofundar e aplicar esses conceitos em minha atuação prática como parte do projeto Arte à Disposição.

O retorno a esses espaços repletos de histórias e sensações foi poderosamente revitalizante. A cada nova interação no hospital, o teatro funcionava como uma chave — uma ferramenta para abrir caminhos, iluminar as "caixas pretas" que muitas vezes cercam as realidades da saúde mental e facilitar diálogos que antes pareciam impossíveis. Assim, retomei a ideia de que, na verdade, o teatro não é apenas um modo de expressão, mas um espaço de criação de sentidos e de partilha, onde é possível recriar identidades e resgatar a humanidade nas interações.

2. A Formação do Grupo Nau da Liberdade

O espetáculo "Azul como Liberdade", que surgiu como resultado deste intercâmbio, se transformou em mais do que uma apresentação; foi um marco na luta antimanicomial e na busca pela desinstitucionalização do tratamento da saúde mental. A produção desse espetáculo nos permitiu criar a companhia teatral Nau da Liberdade, que serve como um testemunho da força da arte para fomentar transformações sociais.

Claudio Misculin, diretor da companhia, enfatizou a importância de enxergar a loucura como um recurso e um talento artístico. Esta visão nos permitiu criar um “campo de irradiação” que desmistificava o conceito de loucura, gerando um espaço onde as relações se entrelaçam, desafiando os estigmas associados à saúde mental. Ao lado de artistas e pacientes, pudemos construir um novo entendimento do que significa viver e criar nesse contexto — um entendimento que transcende a narrativa tradicional que muitas vezes exclui e marginaliza.

A conexão entre teatro e vida se revela profundamente rica; o teatro, como prática diária de interação entre seres humanos, é um espaço onde cada artista, cada “louco”, cada “normal” pode se encontrar em um mesmo plano de existência. Ao abraçar a complexidade das relações humanas, o teatro torna-se um campo de experimentação social, possibilitando que todos se confrontem com suas realidades e sejam convidados a dialogar sobre suas nuances e contradições.

3. Reflexões Finais: O Teatro como Dispositivo de Saúde

No todo, a pesquisa que explora a interface entre teatro e loucura não se limita a uma abordagem terapêutica, mas busca estabelecer um plano de composição onde as práticas artísticas se entrelaçam com a vida cotidiana das pessoas. O teatro se transforma em um dispositivo de saúde que permite resgatar a sanidade e a humanidade de todos os envolvidos — profissionais, pacientes e espectadores. A vitalidade das criações artísticas se transforma em um agenciamento coletivo que reitera a importância de dar voz e espaço a experiências que tradicionalmente foram silenciadas.

Dentro desse contexto de busca por inclusão social e desinstitucionalização, as questões políticas, culturais e sociais que permeiam a arte e a saúde mental se tornam cada vez mais urgentes. Discorreremos não apenas sobre as bandeiras e as lutas, mas também sobre as singularidades desse teatro que emerge como uma forma de resistência e afirmação da vida. Assim, as reflexões descritas aqui se constituem como um convite para revisitar as nossas práticas, reconhecer os laços entre arte e loucura, e abraçar as potências transformadoras que delas emergem. A experiência estética é também política. Ela se refere a um modo de viver junto. Um desejo e a linguagem, dupla transitividade entre forma artística e social. Nos interessa compreender como as artes participam de uma indução das sensibilidades. Como as artes colaboram para a construção de um mundo novo. Não irei solucionar essas questões. Irei somar contradições, explorar a espontaneidade da experiência, da abertura para elas. Palavra grega, *aporia* nos remete a uma deliberação enraizada nas escolhas dos personagens trágicos:

“Contrariamente a Homero e aos poetas líricos, Esquilo coloca seus heróis no limiar da ação, diante da necessidade de agir. Segundo um esquema dramático constantemente observado, apresenta-os numa situação que desemboca numa *aporia*, num impasse. Na encruzilhada de uma decisão com seu destino está comprometido, encontram-se acuados diante de uma opção difícil, mas inelutável.”⁴

Capítulo 4: Sementes, Grãos, Gérmenes de Arte e Loucura

Diante da tela em branco desse capítulo, nos inclinamos para os vestígios delicados de criação e resistência que brotam nos interstícios da produção artística e cultural. É como se cada obra, ao nascer de um processo criativo sinuoso, carregasse consigo não apenas um testemunho, mas uma força vital de preservação que persevera mesmo nas

⁴ VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, pg 27.

mais provocantes adversidades existenciais. É no entrelaçar de sentimentos e pensamentos que surgem as sementes — sementes de esperança, de desafiadoras narrativas, de histórias que se aninham nas crônicas da vida.

Quando olhamos para o teatro, percebemos como essa manifestação da arte se torna um espaço onde o encontro entre indivíduos não é apenas possível, mas essencial. Cada ato teatral torna-se uma celebração da troca de experiências, um diálogo vibrante e inimitável que reverbera no ar, despertando subjetividades adormecidas. O teatro, então, surge como um gesto criativo, uma ferramenta capaz de arquear as correntes das relações automatizadas que nos circundam, permitindo-nos desenhar caminhos ousados que revitalizam nossas vidas.

A palavra, ao se manifestar no espaço cênico, carrega um potencial transformador. É essa palavra que, ao ser proferida, provoca fusões de realidades, instiga olhares novos, e sugere a possibilidade de reconstrução da própria identidade. O teatro, como um espelho da condição humana, reflete o desassossego e a beleza de viver em um mundo em constante mudança. Dessa forma, cada ato performativo é uma incitação à liberdade, um convite a romper as barreiras do silenciamento e a resgatar a voz que, por muito tempo, foi calada.

Assim, ao nos depararmos com os rastros deixados por aqueles que, mesmo silenciados pela Psiquiatria, resistem e formam suas próprias linguagens, somos tomados por uma admiração profunda. Eles, os que foram marcados pelo estigma, são como flores que brotam entre rachaduras do concreto, desafiando a lógica do inerte. É preciso reconhecimento e um olhar atento para perceber que sistemas de opressão não conseguem obliterar a potência criativa que reside em cada ser humano. Nessa resistência silenciosa e poderosa, encontramos a beleza da arte que, mesmo nas situações mais adversas, se ergue e fala por aqueles que muitas vezes foram despojados de sua humanidade.

Tudo é processual. Cada passo dado na direção do desconhecido é uma dança entre luz e sombra. E se não sabemos exatamente aonde iremos, isso se torna parte da magia do ato de criação. Como um viajante que navega por um mapa em constante elaboração, somos desafiados a aceitar a incerteza que permeia nossas histórias e as histórias dos

outros. Nos próprios ensaios da vida, é a voz do desconhecido que nos guia, ressoando como um oráculo que apresenta interrogações e possibilidades a cada esquina.

A palavra, aqui, oscila como um sussurro ou um clamor. Às vezes se silencia, criando, entre suas lacunas, um espaço sagrado de espera. Esse murmúrio, que emerge do distante, traduz o desejo ardente de se expressar, ao mesmo tempo que se alinha ao pensamento de Blanchot sobre a palavra poética. Neste ponto, as palavras não são meros signos; elas clamam por uma entonação única, rica em aporias que revelam a profundidade do existir. São intermediárias entre o visível e o invisível, expressando a fragilidade e a força que permeiam a condição humana.

Por isso, ao escrever estas linhas, busco um estado de inventividade, um convite ao baralhamento que conecta arte, loucura e resistência. Que essas sementes que enterramos encontrem formas de brilhar, iluminando caminhos e abrindo espaços para novos encontros e criações.

2. Docência em Arte: A Aula como Ateliê e Composição como Caminho

À medida que adentramos neste território profético, somos guiados pela visão de que a docência em arte vai além do simples transmitir de conhecimentos. Aqui, a aula se transforma em um ateliê — um espaço de criação e experimentação onde a aprendizagem se entrelaça com a vivência e a prática. Cada encontro entre professor e aluno é uma oportunidade de composição, uma jornada que se desdobra em múltiplas direções, por onde flui um manancial de imaginações e sementes criativas. Esta composição não se baseia na rigidez de regras, mas na potência dos começos, na vitalidade dos princípios que se renovam a cada dia.

Estamos diante de grãos salutares do desejo que, mesmo sem enfeites ou maquiagens, revelam os territórios possíveis de uma aula-ensaio. Nessas aulas, ao invés de conteúdos estanques e fórmulas, propomos um laboratório sensível — um espaço onde a pesquisa se confunde com a vida, onde o conhecimento se brota das relações, das

trocas e das interações. Esse espaço se transforma em um solo fértil que alimenta a pluralidade de olhares e a diversidade que habita cada canto da comunidade. E assim, a aula se torna uma obra de visionário, onde a pluralidade é celebrada e o transversal se transforma em nosso guia.

É nesse contexto que as caminhadas transversais se manifestam, entrelaçando-se com aspectos geográficos, geológicos, criativos e políticos do nosso entorno. A docência em arte, então, não é um ato isolado, mas um comprometimento com a coletividade e a teia social que a rodeia. São esses atravessamentos que trazem à superfície a energia vital de uma chama cuja essência é o movimento — uma chama que nos impulsiona a explorar novas conexões, a criar linguagens e a ousar a partir do ilegível e do incompreensível.

Neste ambiente de experimentação poética, os participantes são convidados a experimentar e criar sem as amarras das classificações e diagnósticos que frequentemente aprisionam. Aqui, não se busca uma comunicação matemática, mas uma troca sensível, que se revela na liberdade do ato criativo e na aceitação do inesperado. Queremos permanecer próximos do que não pode ser facilmente nomeado, mas que se faz sentir na pele, na emoção, no corpo em movimento. Assim, a escrita e a prática artística se aproximam, em uma dança onde cada passo é um convite para experimentar o novo, o único e o singular.

É na composição de tudo isso que surge uma trama-rizoma, um organismo vivo que se expande de forma orgânica, sem hierarquias rígidas, sem receios de se transmutar em diferentes formas. Essa trama é um experimento poético, livre e aberto, cujas pontas se conectam em harmonia à resistência que a vida apresenta, revelando as maneiras sutis e criativas que temos de aumentar nossa potência humana e artística.

Nesse espaço de aula-ateliê, a resistência não é uma luta apenas contra as determinações externas, mas uma afirmação do desejo interno — o desejo de ser, de fazer, de criar. Aqui, todos nós, alunos e professores, somos co-autores de um relato em constante construção, onde a arte não é mero objeto, mas uma ponte para a transformação pessoal e coletiva. É uma oportunidade efêmera, mas que reverbera em eco para o além, nos eternizando por meio de nossas criações e encontros.

Assim, cada aula torna-se uma celebração dessa complexidade, um espaço onde o possível se entrelaça com o desejado. E nestes momentos de composição, desenvolvemos a habilidade de ver além do horizonte do comum, de vislumbrar novos mundos que se entrecruzam em possibilidades infinitas — novos porvires. É com essa lente ampliada que seguimos, avivando a chama do conhecimento e da criatividade, sempre prontos a cultivar as sementes que brotam nas interseções de nossa vivência artística.

Essa visão nos impulsiona a explorar a resistência e a criação como práticas intrínsecas da nossa condição humana, reafirmando a importância de permanecer sensíveis e abertos às conexões que a vida nos oferece. Dessa forma, dançamos juntos no tablado do teatro da vida, onde a experiência estética se entrelaça com a liberdade de ser e criar, e o palco se torna limitado apenas pela nossa própria imaginação. É um convite que nos envolve, nos alimenta e nos transforma, eternamente.

Grãos que semeamos...

1. Adentrar territórios proféticos para germinar imaginários criativos.
2. Apoiar-se na potência dos começos e princípios como sementes do desejo.
3. Celebrar o teatro como "laboratório do sensível", unindo pesquisa e vida.
4. Converter a aula em obra visionária conectada à comunidade e pluralidade de olhares.
5. Exercer a pluralidade através de atravessamentos geográficos, criativos e políticos.
6. Afirmar a energia vital de uma chama em constante movimento e transformação.
7. Manter-se aberta às fugas e novos enquadramentos, livre de classificações rígidas.
8. Preservar a sensibilidade no âmbito do ilegível e incompreensível.
9. Criar conexões rizomáticas em uma trama poética e expansiva.
10. Afirmar as formas de resistência da vida que ampliam nossa potência.

Capítulo 5: Da Natureza dos Encontros

Um bom encontro é aquele que revigora a força de existir. É nesse espaço de conexões que se manifestam as possibilidades de transformação, onde as energias se entrelaçam e a criatividade se expande. Esses encontros podem surgir de maneiras inesperadas, como parcerias com trabalhadoras do Hospital Psiquiátrico São Pedro, que se mostram sedentas por inovações e pela criação de ambientes mais acolhedores e sensíveis. Essas aliadas do percurso, que caminham lado a lado em busca de uma nova configuração dos espaços que habitamos, têm um papel vital nesse movimento de revitalização.

Um desses encontros significativos foi com Simone Meyer⁵, uma trabalhadora do hospital que se tornou uma verdadeira “mão de fada”. Sua paixão e dedicação se manifestaram em um projeto audacioso: a revitalização do Jardim Terapêutico. Iniciado em 2021, esse trabalho de revigoração dos espaços verdes do hospital se tornou um símbolo de mudança e esperança. Através do olhar atento e sensível de Simone, o jardim começou a se delinear como um espaço de cura, um local onde a arte, a natureza e a saúde mental poderiam se entrelaçar.

Durante nossas conversas, Simone compartilhou que uma das ações mais simbólicas que tomou parte na feitura do jardim foi a retirada das cercas que separavam o espaço verde do resto do hospital. Essa retirada não foi apenas física, mas, simbolicamente, um ato que buscava romper as barreiras entre o cuidado e a natureza. A princípio, as ações focaram na limpeza do local, na retirada do lixo acumulado, na adequação da área para plantas aromáticas e na instalação de elementos artísticos e lúdicos que pudessem convidar à interação e ao desfrute daquela natureza. Os caminhos sinuosos que começaram a ser desenhados no solo revelavam não apenas um traçado estético, mas uma proposta de redescobrir o espaço, tornando-o mais acessível e acolhedor.

⁵ Link da entrevista : [Entrevista com Simone Meyer](#)

A jornada de transformação do jardim não se restringia aos aspectos físicos; era um exercício de criação coletiva, onde Simone via uma prática anarquista na disposição dos elementos. Para ela, no Jardim Terapêutico, nada estava hierarquizado. Cada planta, cada escultura e cada caminho construído eram parte de um todo integrado, que se alimentava da colaboração e do pertencimento de todos os envolvidos no processo. A construção cênica do jardim se tornava, assim, uma expressão de diversidade e inclusão, um espaço onde todos poderiam deixar suas marcas e contribuir com seus saberes e sua sensibilidade.

Esse entendimento acerca da colaboração e da liberdade criativa encontra eco na parceria com a fisioterapeuta Roberta Leão, que tem abordado o corpo, suas dores e limitações com uma visão mais humana e integrada. Roberta traz para o discente a importância de ouvir o corpo como um agente de transformação, não apenas através da terapia física, mas também da conexão emocional e social que isso pode proporcionar. Juntas, essas iniciativas nos mostram como o espaço do hospital pode ser um local de acolhimento, diálogo e reabilitação, onde a arte e a natureza se entrelaçam com a saúde mental.

Assim, encontramos no Jardim Terapêutico um microcosmo das relações que buscamos desenvolver. É um espaço que encapsula a essência do que significa estar em contato com o outro, com a natureza e consigo mesmo. Os encontros que lá acontecem se transformam em momentos de descoberta, momentos que revigoram a alma e ressignificam a experiência de estar vivo. Cada um que passa por esse espaço traz consigo uma história, uma vivência que se soma a todas as outras, criando um tecido rico e vibrante que dialoga com as complexidades da vida.

É nesse entrelaçar de caminhos, nessa dança de saberes e experiências que encontramos a verdadeira essência dos encontros. Eles não estão apenas ligados a projetos ou iniciativas; estão profundamente enraizados nas relações humanas, nos afetos e nas trocas que emergem. Os jardins, como lugares de encontro, revelam-se como espaços de resistência e criação, onde a força de existir é potenciada e o cuidado com o viver é celebrado. Ao cultivarmos esses encontros, sem dúvida, estamos semeando uma nova forma de habitar o mundo — uma forma que abraça a diversidade, a arte e a saúde mental como partes indissociáveis de nossa experiência humana.

Capítulo 6: A Filosofia da Arte e a Experiência Estética

A arte, em sua essência, é uma expressão intrínseca da condição humana, refletindo nossa natureza estética e a busca de significados em meio à realidade. A filósofa brasileira Marilena Chauí afirma que “as artes pretendem exprimir por meios artísticos a própria realidade” (2003, p. 277). Este ato de expressão não é meramente uma reprodução do real, mas uma interpretação que nos leva a descobrir e revelar os sentidos que permeiam o mundo em que vivemos.

Somos Seres Estéticos por Natureza

A afirmação de que somos seres estéticos por natureza nos remete à ideia d

e que a experiência estética faz parte do nosso cotidiano, moldando nossas percepções e interações com o ambiente. Desde a apreciação de uma paisagem natural até a contemplação de uma obra de arte, a estética nos provoca uma avalanche de sentimentos e reflexões. Tal como exemplificado na analogia com a natureza, momentos de conexão com o mundo externo podem evocar sensações profundas, seja ao admirar o verde das matas ou ao ouvir o som de uma cachoeira.

Contudo, a experiência estética não se limita ao prazer ou à sensação de beleza. Muitas vezes, ela envolve um vasto espectro de emoções, incluindo a tristeza, a revolta e a indignação. Um exemplo claro pode ser encontrado nas representações artísticas que abordam temas como a injustiça social ou a dor humana. Nesse sentido, a arte torna-se uma poderosa ferramenta de reflexão que nos impulsiona a confrontar realidades muitas vezes desconfortáveis. A dança, como forma de arte, exemplifica esta dualidade. Mesmo uma performance trágica pode proporcionar uma leveza estética, enquanto uma dança vibrante pode acentuar sentimentos de entusiasmo e energia. A experiência estética é, portanto, multifacetada, envolvendo não apenas a apreciação sensorial, mas também as emoções que provocamos e que somos provocados a sentir.

A Importância dos Espaços Sensíveis e Criativos

A possibilidade de criar espaços sensíveis e criativos através da arte se mostra especialmente valiosa em contextos como hospitais, asilos, prisões, ONGs e centros comunitários. Nesses ambientes, a arte pode servir como um meio de cura, inclusão e reflexão. Em instituições de saúde, por exemplo, a arte tem o potencial de transformar o ambiente, proporcionando um escape emocional e ajudando na recuperação dos pacientes. O simples ato de observar ou participar de uma atividade artística pode aliviar o stress e a ansiedade, promovendo uma experiência estética que transcende o sofrimento.

Em asilos, a arte pode resgatar memórias e provocar conversas significativas, revitalizando o sentido de autoestima e pertencimento entre os idosos. Nas prisões, a expressão artística pode servir como forma de contestação e reavaliar a identidade, criando um espaço para a reflexão e a busca por novos caminhos.

Nos centros comunitários e ONGs, a arte é um poderoso agente de transformação social. Projetos artísticos colaborativos podem fomentar um senso de comunidade, criar empatia e trazer à tona questões sociais relevantes. Como diz Charles Feitosa, “sem a interpretação daquele que vê ouve, sem a construção de sentido por aquele que percebe, não há beleza nem obra de arte” (2004, p. 112). Isso se aplica perfeitamente aos espaços comunitários, onde a interpretação coletiva das experiências estéticas pode fortalecer laços sociais e promover uma consciência social mais aguda.

Capítulo 7 – Poética do Semear

1. *Escritos Poéticos-Políticos*

Cerca de mim

Em minha sacola levo mar, chama e poesia – o que é a vida se não esse andar sem beira, um caminhar sem bordas para além das cercanias? Quando tudo era só uma aldeia não precisava segurar com os dentes a gaia que nos pariu. Contar sementes inutilmente, e os mortos desse Brasil. Correr por um triz da bala perdida que me mirou. O que tu chamas de pátria é um coração queimando no meio da floresta. Escuta o chamado, enxuga teu sangue, a água que tens em mãos não chega para tanto amor. Transborda.

Encarcerar a loucura

A cena da loucura como perigosa é datada. Atende aos interesses do Estado, dos valores estabelecidos, subordinando a diferença às representações: da identidade, da semelhança, da analogia, da oposição; cena cujos problemas são definidos pela possibilidade de serem resolvidos com eletrochoques, com isolamento, banimento, com imposição de normalidades que são subordinadas ao saber e cultura de uma época.

A internação é uma criação institucional própria do século XVII e implicou uma mudança profunda na maneira como encaramos a experiência da loucura. Através do isolamento e um poder de segregação, os muros, as grades, as cercas erguidas dos hospitais psiquiátricos separando o dentro e o fora atribuíram à loucura uma nova pátria organizada numa unidade complexa. Abrir as cercanias do jardim dentro de um espaço caracterizado pelo internamento é um gesto simbólico dos novos rumos da Saúde Mental.

2. *Do Gesto Concreto – Rastros da Experiência*

É nesse universo dos encontros e dos afetos que iremos exhibir algumas das experiências cênicas realizadas no jardim.

Capítulo 7: Húmus para Hamlet

De maio de 2022 até meados de novembro, o Jardim Terapêutico do Hospital Psiquiátrico São Pedro se transformou em um palco vibrante e inusitado para a montagem de "Hamlet", uma experiência cênica que se desenrolou ao ar livre e em meio à natureza exuberante do local. A prática teatral foi enriquecida pela participação de estagiários de psicologia e pelos integrantes da Oficina de Criatividade, que foram convidados a adentrar o universo da obra de Shakespeare de forma colaborativa e imersiva. Nessa vivência, cada canto do jardim, cada arbusto e cada espaço livre foi aproveitado, revelando uma nova dimensão de aprendizados e reflexões.

Os antigos prédios que cercavam o jardim, muitos deles interditados e em estado de ruína, traziam à tona a imagética de uma Dinamarca shakespeareana: um cenário decadente, corroído pela corrupção e pelas tensões familiares que permeiam a narrativa de "Hamlet". Esses elementos estruturais não apenas criaram um ambiente propício para o ensaio, mas também enriqueceram o simbolismo da peça, remetendo à desolação dos laços de poder e à fragilidade das relações humanas. Ao atravessarmos os caminhos do jardim, nos tornávamos parte dessa liga de realidades entrelaçadas, onde o humano e o vegetal se confundiam em um ciclo de renovação e decadência.

Ao adentrarmos no espaço verde para ensaiar, víamos como a intensidade das loucuras dos personagens se amplificava. Hamlet, obcecado pela necessidade de vingar a morte de seu pai, se debatia em meio às inseguranças e incertezas que o cercavam; sua luta interna se espelhava nas bifurcações do caminho, onde podíamos adivinhar suas encruzilhadas mentais. A figura trágica de Ofélia, consumida pelo amor não

correspondido e pelo peso das expectativas sociais, encontrava seu reflexo no balanço que foi especialmente colocado como parte do cenário, simbolizando o transe emocional que a levava a um destino trágico. O impulso delas era, de fato, um paralelo à própria fragilidade da existência.

A banheira, adornada com plantas aquáticas, transformou-se no rio que acolheu Ofélia em seu trágico afundar, associando a natureza ao ciclo de vidas que se entrelaçam no espaço do jardim. Assim, o próprio local se tornava uma extensão do drama cênico: o jardim não era apenas um cenário, mas um ator ativo na narrativa, presente em cada movimento e diálogo. O fantasma do rei Hamlet, que pairava sobre a montagem como uma sombra constante, estabelecia a conexão entre vivos e mortos, criando uma ambiência que refletia as tensões da peça.

O Jardim Terapêutico não apenas forneceu a materialidade necessária para organizar a montagem, mas também se ligou a uma ancestralidade profunda. Esse espaço acolhedor e sagrado remete à sacralidade da terra, honrando o que veio antes de nós. Ao atuarmos dentro desse velho e vibrante espaço, começamos a compreender a nossa relação com a arte como um terreno cultivável, que sustenta nossas expressões criativas enquanto nos conectamos à história. Cada ato de criação se torna um testemunho do presente, ao mesmo tempo que dialogamos com o legado do passado — um ciclo vibrante de vida em constante rejuvenescimento.

Nesse sentido, "Hamlet" se torna uma narrativa que se entrelaça ao Jardim Terapêutico, e essa união fornece um húmus fecundo para o crescimento das ideias e sentimentos que brotam ali. A tragédia dos personagens não se limita a ser um enredo distante, mas ressoa nas experiências vividas dos participantes, nas memórias e dores que cada ator traz para o espaço. O ato de representar Hamlet foi um mergulho profundo nos labirintos da mente humana, onde os dilemas éticos, as dúvidas existenciais e o confronto com a morte se tornaram uma parte intrínseca da vivência no jardim.

Assim, neste capítulo, celebramos a conexão entre teatro e natureza, onde o Jardim Terapêutico emerge como um espaço não só de cura, mas de expressão, resiliência e criação. Este lugar se transforma em um símbolo vivo da nossa busca por um espaço acolhedor, onde cada ensaio e cada encontro revela a força dos elementos

que nos cercam, propondo um lugar de reflexão sobre o humano e suas complexidades. Ao final, o jardim se torna um espaço onde o luto se transforma em celebração, a dor se converte em expressão e a vida dá espaço à arte, permitindo que cada ato se reverberasse na memória coletiva, como um testemunho de que, mesmo em meio às ruínas, a beleza da criação sempre encontrará seu lugar para florescer.

7.2. Nosso Hamlet como Potência de Criação

Nosso "Hamlet" se transformou em uma potência de criação, um espaço aberto ao nosso tracejado, onde cada linha desenhada era um convite a delinear novas formas de criar. Ao longo de nossos ensaios, a peça não se limitou a ser apenas uma representação da obra clássica de Shakespeare; ela se tornou um reflexo de nossas próprias experiências, intersecções e sentimentos, abrigando o heterogêneo e o múltiplo, colocando em diálogo a Arte e a Loucura. Neste contexto, "Hamlet" revelou-se provocativo, servindo como um catalisador para as vibrações de um movimento libertário na Saúde Mental coletiva, mediado através da arte e dos questionamentos que surgiram sobre a real aceitação da expressão artística nesses espaços institucionais.

Durante cada ensaio, refletíamos sobre quantas camadas de receios se escondem nas instituições que deveriam acolher e tratar. Como profissionais da saúde mental, frequentemente nos encontrávamos emaranhados em nossos próprios medos, amarguras e repressões, uma sombra que pairava, não apenas sobre nós, mas também sobre os participantes e a própria arte. Nesse cenário, uma simples corda, um adereço ou um objeto de cena se tornavam, paradoxalmente, uma ameaça; um balanço, que deveria ser símbolo de leveza e liberdade, podia suscitar preocupações sobre a provocação de pensamentos suicidas. Essa tensão revelava como, no seio de um espaço manicomial, ainda enraizado na repressão como forma de atuação, a arte se tornava um campo de batalha entre necessidade de expressão e medo do que essa expressão poderia evocar.

No entanto, ao comentarmos sobre "Hamlet" em um jardim que refresca ideias e flui, construímos um ambiente de puras presenças. O Jardim Terapêutico, rico em plantas medicinais, aromáticas e ornamentais, não só proporcionava beleza, mas

também trazia graça através de componentes lúdicos que, em seu conjunto, ofereciam um espaço propício ao não-convencional, ao inesperado. Sim, ao experimentar e ao sentir, estávamos prontos para incomodar, desacomodar e provocar uma saída de nossa zona de conforto. Mas não é essa a verdadeira função da arte? Um convite à reflexão e à transformação? Um chamado à libertação?

Enquanto montamos "Hamlet", busquei, juntamente com todos os envolvidos, formas de desaprender. Era fundamental mudar a perspectiva de ver o jardim do hospital como um mero espaço de sofrimento para um território criador que sustenta vitalidade. Nossos diálogos e trocas ressoavam ecoando a possibilidade de que a arte pudesse, realmente, florescer em meio à dor, atuando como um bálsamo e não como uma sombra. O discurso, antes carregado de peso, se tornava mais leve nas vozes alinhadas no ensaio. Nossos corpos em movimento no jardim eram testemunhas vivas de que um processo criativo poderia revitalizar tudo ao redor, mesmo quando o contexto carregava a memória pesada da repressão.

Esse Jardim, com seus caminhos sinuosos e flores exuberantes, encarnava a ideia de um espaço de superação. Ele desafiava os limites de um sistema que frequentemente rotula e reduz, oferecendo em seu lugar um jogo de possibilidades, um resgate da potência criativa e expressiva que reside em cada ser. Durante os ensaios, muitos dos nossos participantes floresceram, e suas histórias emergiram em cada gesto, cada linha de texto, trazendo à tona a essência da experiência humana.

Assim, ao mesmo tempo em que abordávamos temas sombrios e introspectivos de "Hamlet", fazíamos isso de forma que ressoasse como uma afirmação da vida. Entre os risos e lágrimas tecidas nos movimentos do texto shakespeariano, uma nova narrativa foi sendo construída, que não apenas dramatizava a tragédia, mas também celebrava a resiliência e a força do ser humano em meio às adversidades. O Jardim, então, tornou-se um espaço não apenas de ensaio, mas de cura, onde a Arte e a Loucura poderiam, enfim, coabitar, encontrar-se e dialogar em equidade.

À medida que prosseguíamos, percebíamos que, em cada ato, em cada ensaio, estávamos cultivando algo além da simples representação, um compromisso contínuo com a criação. Em locais onde o sofrimento e a dor pareciam dominar, falávamos sobre liberdade, esperança e renovação. O jardim nos ensinou a acolher a ambivalência da

vida, a beleza que pode emergir da dor e o poder de usar a arte como um meio para expressar o que muitas vezes está em silêncio. E assim, "Hamlet" se revelou não apenas uma tragédia, mas um profundo aprendizado sobre a vida, um convite a criar continuamente, um hino à resistência artística e à força que brota da terra cultivada, fértil e vibrante.

O impulso precede a forma. Como no caso da inserção do balanço para a personagem shakespeariana. O balanço, elemento lúdico, como ato, potência de vida sempre renovada serve de cenário para a peça e se reveza no descanso dos funcionários do hospital.

SEGUNDA PARTE – MOVIMENTOS POÉTICOS

Escritos Poéticos-Políticos Do Gesto Lunático – Rastros de Fantasia

Cerca de ti

O agora tomando corpo em um tempo intensificado. E não serei eu a cavar passados sem necessidade, jogar punhados num vazio futuro, desarranjar os brotos da estrada que se renova. Não precisamos imaginar tão longe. Logo ali, bem perto da pele. Criamos sustento nas presenças ampliadas. Essa é a nossa poética do semear.

Em minha sacola levo grãos, mar, chama e poesia – o que é a vida se não esse andar sem beira, um caminhar sem bordas para além das cercanias? Quando tudo era só uma aldeia não precisava segurar com os dentes a gaia que nos pariu. Contar sementes inutilmente, e os mortos desse Brasil. Correr por um triz da bala perdida que me mirou. O que tu chamas de pátria é um coração queimando no meio da floresta. Escuta o chamado, enxuga teu sangue, a água que tens em mãos não chega para tanto amor. Transborda.

Encarcerar a Loucura: Entre a Liberdade de Dionísio e a Repressão da Razão

Ao explorarmos a relação entre a loucura e a estrutura social, é essencial nos voltarmos para as complexas interseções entre a experiência humana e as narrativas históricas que moldam a percepção da diferença. A cena da loucura, com sua aura de perigo e ameaça, não é uma construção recente; ela se aninha nas práticas e discursos que datam da antiguidade. A presença de Dionísio, o deus da viticultura e da festividade, emerge como uma figura paradoxal que celebra a loucura sana—aquela que nos convida a romper as amarras do cotidiano e experimentar a liberdade e o êxtase dentro do caos. Em sua dança livre e abissal, não há somente frenesi, mas também o reconhecimento da profundidade da experiência humana, num movimento visceral e paradoxal que desafia as normas e categorias fixas impostas pela razão.

A obra de Michel Foucault ilumina essa dualidade, evidenciando como a loucura foi meticulosamente encarcerada ao longo da história. No século XVII, a criação das instituições que encarceraram a loucura não apenas isolou os indivíduos considerados "anormais", mas também instituiu uma nova maneira de pensar sobre a diferença. Na visão de Foucault, a loucura passou a ser tratada como um objeto de controle social, encapsulada em um discurso que justificava a repressão. O que antes era uma expressão da condição humana agora se converteu em uma anomalia a ser corrigida. A internação tornou-se sinônimo de segregação e poder, um ato que não apenas ocultava, mas

também silenciou as vozes da loucura através de práticas como o eletrochoque, o isolamento e o banimento.

Os muros dos hospitais psiquiátricos, erigidos para manter a loucura à parte do que era considerado normal, representaram uma nova “pátria” para aqueles que, de alguma forma, desafiaram as normas estabelecidas. A grade, a cerca, integraram-se a uma cultura que reconhece, como diz Foucault, que os problemas da loucura são muitas vezes convertidos em questões que podem ser solucionadas pelo saber médico, pela ciência que se impõe como a guardiã do que é aceitável. Essa visão, no entanto, é datada. As realidades sociais mudaram, e a luta por uma nova compreensão da loucura inicia-se por uma abertura: a necessidade de expandir as cercanias do jardim interior, permitindo que a expressão da diferença entre no espaço institucional da saúde mental.

Mais do que um gesto simbólico, buscamos abertura para a pluralidade de olhares. Ao abrir as cercanias do jardim, reintegrando visitantes, frequentadores das oficinas, trabalhadores da saúde, artistas, chamamos atenção para à valorização da experiência singular de cada indivíduo, para a construção de espaços sensíveis, para um estado permanente de pesquisa. Em vez de manter a separação, podemos começar a celebrar a pluralidade, acolhendo a diversidade de vozes e perspectivas que a loucura pode oferecer. Assim como Dionísio, que em sua festa transcendia limites e realidades, devemos buscar a loucura não como um estado a ser reprimido, mas como uma oportunidade de revelação, um convite a aprofundar nossa compreensão e a ampliar os horizontes da experiência humana.

Ao embaralharmos essas narrativas, somos desafiados a reconsiderar como as fissuras do passado informam nossas práticas presentes. Ao invés de encarcerar a loucura, somos chamados a celebrá-la, a deixá-la livre para dançar no espaço da inclusão, onde o isolamento se transforma em comunhão. Somente assim poderemos amparar a saúde mental não sob os muros da repressão, mas em um solo fértil onde a diferença floresça, e, assim, a verdadeira liberdade de Dionísio inspire nossa relação com o que é considerado "normal".

Reflexão sobre a Origem da Palavra "Alienado" e o Isolamento dos Alienados

A palavra "alienado" deriva do latim "alienatus", que significa "afastado", "tornou-se outro" ou "estranho". O termo carrega consigo a ideia de desvio, separação e perda de conexão com aquilo que é essencial ao ser humano. Historicamente, o uso do termo tem se associado à condição de indivíduos que, de alguma forma, estão à margem da norma social, seja por questões de saúde mental, comportamentos desafiadores ou pela simples vivência de experiências que não se alinham com os padrões estabelecidos de aceitação.

Os alienados, nesse contexto, são frequentemente aqueles que enfrentam o estigma da diferença. Isolados em instituições, muitas vezes marcadas por uma percepção negativa, esses indivíduos são muitas vezes vistos sob a lente da patologia, com suas vozes e histórias silenciadas pela urgência de manter uma ordem social. O isolamento dos alienados não se restringe apenas às paredes físicas dos manicômios ou

hospitais psiquiátricos, mas se estende ao afastamento emocional e social que a sociedade impõe.

Esse afastamento, longe de ser uma solução, perpetua um ciclo doloroso; o isolamento gera mais alienação. Os alienados são frequentemente tratados como "outros", como se suas experiências de vida não fossem dignas de compreensão ou empatia. A cena da loucura, assim como a da diferença, é encarada como perigosa e ameaçadora, reforçando a ideia de que o que não se compreende deve ser reprimido ou segregado.

Entender a origem da palavra nos convida a refletir sobre como essas construções sociais nos transformam, não apenas em relação à visão do outro, mas também em relação a nós mesmos. Na busca pela normalização, muitas vezes esquecemos que a diversidade humana, incluindo a loucura e a diferença, é uma parte vital da tapeçaria da sociedade. Em vez de alienar, podemos escolher transcender as barreiras do preconceito, estabelecendo vínculos que enriquecem nosso entendimento sobre a condição humana.

Em resumo, a alienação não é apenas uma condição que afeta o indivíduo, mas um reflexo de dinâmicas sociais que precisam ser revisadas. Ao abrir espaço para aceitação e a inclusão, podemos romper com o ciclo do isolamento e promover um entendimento mais profundo e humano entre todos os membros da sociedade. O convite é para a reintegração dos alienados, não como "outros", mas como integrantes essenciais da comunidade, capazes de oferecer novas perspectivas e enriquecer nosso entendimento compartilhado da vida.

****Referências Anteriores do Encontro com o Espaço do Jardim Terapêutico****

Venho germinando o imaginário do jardim como uma dimensão estética há muito tempo, um espaço onde a natureza e a criação se entrelaçam de maneira profunda. A ideia começou a brotar antes mesmo de eu me aventurar na montagem do texto de Virgínia Woolf, "A Mulher no Espelho", que me foi incitada após participar de um seminário sobre escrita. Esse momento foi um divisor de águas que abriu novas perspectivas sobre a relação entre a literatura e o espaço natural.

Minha pesquisa sobre as benzedeadas do cerrado foi fundamental nesse percurso. Ao explorar as histórias emblemáticas de Vasalisa e a Baba Yaga, fui guiada por uma curiosidade instintiva sobre o selvagem e sua conexão com a brasilidade, especialmente nas figuras curandeiras e benzedeadas. Essas referências não são apenas relatos de um folclore ancestral, mas se tornam caminhos que me levam a entender a força do que é natural e o poder das conexões que fazemos com o mundo ao nosso redor.

A cada interação com elementos simples da natureza—uma folha, uma pedra ou um galho seco—sinto uma força invisível que me liga a essas energias primordiais. É como se houvesse uma dança invisível acontecendo, e, a partir dessa conexão, sinto um impulso para espargir essas energias que me envolvem. Embora nem toda a experiência se traduza em dança ou cena visível, o mistério do que não é concretizado permanece vibrante, assim como o laço sensível que formamos com o espaço que nos acolhe.

Dentro do Jardim Terapêutico, a presença de Flora, a deusa vegetal, se torna ainda mais palpável. Sinto que Ela infunde o ambiente com temperos picantes, que elevam as chamas da vontade e aquecem o caldo dos afetos humanos. Nesse espaço sagrado, as forças que se entrelaçam entre o dentro e o fora não apenas se revelam, como também se tornam a essência da minha prática artística. Aqui, a arte se manifesta como uma chave para a alquimia, um processo de transformação contínua que alimenta meu ser e meu fazer no cotidiano. O Jardim Terapêutico não é apenas um lugar de cura, mas um campo fértil onde as energias se encontram e florescem, convidando à descoberta e à ressignificação de cada momento vivido.

Rastros da Montagem "Hamlet" - Corpo e Mente Disponíveis

A experiência de adentrar em paisagens outras sempre me provocou uma reflexão profunda sobre o papel do artista-pesquisador na instigação de processos criativos que transcendam o conhecido. Essa busca por novos horizontes me levou ao coração pulsante da Saúde Mental, onde, entre 2013 e 2015, participei de um laboratório de sensações. Nesse espaço, percebi que a arte não é apenas uma prática estética, mas uma experiência de comunhão, uma manifestação do que há de mais humano e vulnerável em nós.

Após um hiato, voltei a me deparar com a memória viva daquela paisagem, o jardim do Hospital Psiquiátrico São Pedro, que se tornara um organismo pulsante de vivências e significados. O jardim, imerso em registros e ressonâncias, refletia as cicatrizes e curvas que ali se construíram, servindo como um espaço de encontro entre o corpo e a mente, entre a dor e a esperança.

Em 2022, essa lembrança ressoante me conduziu a uma nova experiência, quando Tatiana Silva, a coordenadora das Oficinas, me apresentou ao grupo de estagiários de Psicologia do hospital. A proposta de integrar-me a esse grupo e contribuir na criação de atividades para as quartas-feiras foi um chamado que não pude ignorar. Tratava-se de um coletivo heterogêneo, composto por trabalhadores da saúde e residentes em Psicologia, profissionais de saúde mental e usuários que pisavam nesse território compartilhado. A diversidade de experiências, saberes e trajetórias que compunham aquele mosaico humano conferiu uma riqueza inigualável à proposta artística que começamos a desenvolver.

Neste terreno fértil, começamos a explorar a obra-prima de Shakespeare, "Hamlet". A escolha dessa tragédia não foi meramente acidental; a narrativa de Hamlet, permeada de incertezas, reflexões filosóficas e uma profunda análise da condição humana, ressoou fortemente com as inquietações que emergiram dos encontros. A peça nos ofereceu um campo de investigação no qual poderiam ser exploradas não apenas as tensões emocionais dos personagens, mas também as circunstâncias existenciais compartilhadas pelos participantes.

Ao direcionar nossos esforços para a montagem de "Hamlet", cada ensaio se transformou em um espaço de dialogismo, onde a palavra escrita encontrou o corpo vivo e a mente ativa de cada membro do grupo. Era como se as vozes dos personagens levantassem um espelho que refletia nossas próprias angústias e questionamentos, e, assim como Hamlet em sua busca pela verdade, também nos esforçamos para extrair sentido da complexidade de nossas experiências compartilhadas.

A dramatização se tornou uma ferramenta terapêutica, uma via de acesso ao inconsciente, onde o texto shakespeariano não só nos convidava a refletir sobre temas universais como a dúvida, a morte e a identidade, mas também nos instiga a reconhecer e a acolher a multiplicidade de vozes internas que cada um de nós carrega. A experiência de criar, ensaiar e imaginar juntos consolidou um espaço onde corpo e mente se tornaram disponíveis, onde a presença do outro se fazia uma alquimia de significados, e onde a arte não apenas imitava a vida, mas se tornava uma manifestação de cura e entendimento entre nós.

Assim, a montagem de "Hamlet" não foi apenas uma representação teatral, mas um ritual de transformação que nos permitiu tocá-los nos pontos mais profundos de nossa existência, ao mesmo tempo em que éramos tocados na essência de nossa humanidade compartilhada. A jornada que começamos naquele salão do hospital, sob as bênçãos do jardim que tudo viu, se tornava um campo de força criativa, onde a arte havia encontrado seu verdadeiro propósito: conectar, curar e libertar.

Primeira Experiência – Escuta do Silêncio

Ao iniciar a oficina no hospital, levei comigo uma variedade de objetos sonoros e sensoriais, atraída pela expectativa de que o encontro fortuito com os participantes poderia desencadear uma experiência transformadora. Meu intuito era aguçar o sentido da audição, e assim a escuta se tornava uma ponte fluida entre o Teatro e a Psicologia, um espaço onde a percepção poderia se expandir de maneira orgânica e inesperada.

Nos primeiros encontros, concentrei meus esforços em trabalhar com os estagiários, mas sempre almejando expandir esse contato para incluir os internos do hospital e os frequentadores das oficinas. Cada improvisação se tornava uma tela em branco, pintada com as cores do acaso e das experiências que começavam a emergir. A presença dos participantes e seus próprios universos sonoros eram convites para um diálogo rico e multidimensional.

Durante uma das improvisações, imagens vívidas surgiram, me levando a conduzir o grupo a uma cena de "Hamlet", uma obra-prima do teatro clássico. O que me motivou nessa direção foi a menção de um dos estagiários sobre o jardim do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). Isso me inspirou a propor uma caminhada em silêncio até lá — uma jornada cuidadosamente arquitetada para que nos tornássemos mais atentos à escuta.

Enquanto caminhávamos, o ambiente se revelava em uma sinfonia de sons: o estridente ruído da serra elétrica, cortando e podando árvores no pátio, misturava-se ao farfalhar das folhas secas sob nossos pés. Cada som, cada presença, se entrelaçava como partes de um grande mosaico sensorial — uma verdadeira reflexão da obra de André Breton, que falava sobre a antropologia dos sentidos e seu papel na experiência humana. A escuta ativa, nesse contexto, se tornou uma forma de captar a essência do momento presente, revelando a capacidade de ver e ouvir além das camadas habituais de nossa percepção.

No entanto, essa experiência inicial se transformou em algo mais significativo do que esperávamos. Ao chegarmos ao jardim, o silêncio daquela natureza ao nosso redor se tornou denso e enriquecido pela consciência dos detalhes. Em meio à calma, percebi que estávamos tecendo uma rede de afetos, conectando-nos não apenas ao ambiente, mas também uns aos outros. A escuta não era meramente um ato de ouvir, mas uma prática profunda de atenção que nos permitia desvendar significados ocultos no que, muitas vezes, nos parecia trivial.

Esses rastros da montagem de "Hamlet" começaram a se entrelaçar com a experiência do jardim e a escuta do silêncio, convertendo todas as forças para a criação artística. À medida que prosseguimos com os ensaios, as dinâmicas reveladas não apenas nos convidaram a reinventar uma Dinamarca, um rei, um príncipe, um assassinato, um combate, um amor... na medida que recriávamos a peça, as relações com a arte e com a loucura se faziam presente. O acaso e a percepção se transformaram em ferramentas essenciais nesse processo de criação, permitindo que no processo fluísse em cada gesto em cada palavra, tornando essa jornada teatral uma maneira sensível de escuta e diálogo com o fora.

Ritmos do Jardim: O Jardim como Registro e Experiência

O jardim, um espaço de ricas interações sensoriais e emocionais, se apresenta não apenas como um lugar físico, mas também como um conceito dinâmico que ressoa com os ritmos da Terra e da vida. Ao nos dirigirmos ao jardim, somos convidados a descobrir as frequências sutis que permeiam este ambiente, muitas vezes relegado ao cotidiano. Ao cavar com as próprias mãos, sem o auxílio de pás ou garfos, somos levados a sentir as entrañas da terra, a experimentar a conexão visceral que nos liga à natureza. É nesse gesto íntimo que começamos a perceber como registrar esses processos—sejam eles cênicos, literários ou botânicos—pode transformar nossa percepção da vida e da arte.

O ato de separar raízes, coletar galhos e sementes nos conecta com a essência da existência. Esta prática não é apenas uma atividade física; ela se transforma em um ritual de escuta, de observação e de reflexão. Nesse sentido, cada objeto coletado, cada movimento realizado, torna-se um testemunho vivo da experiência. Ao buscar registrar essas interações, descortinamos um vasto campo de possibilidades criativas. Assim, o caderno do diretor—um espaço onde incêndios criativos e reflexões críticas sobre o processo cênico se desenrolam—encontra um par perfeito em cadernos botânicos, que celebram a flora e a fauna, a riqueza visual e a diversidade das formas de vida.

Os cadernos botânicos, em sua essência, são herbários poéticos que buscam catalogar e interpretar o mundo natural. Eles nos convidam a ver as plantas não apenas como seres passivos, mas como personagens em nosso universo, cada uma carregando consigo significados intrínsecos e histórias ocultas. Nesse diálogo entre o caderno do diretor e os cadernos botânicos, encontramos um espaço de intersecção onde a criação artística e a observação científica podem coexistir. As notas escritas, as ilustrações e as anotações sobre o crescimento, os ciclos e as transformações das plantas se assemelham aos esboços e reflexões sobre a construção de um espetáculo, transformando a banalidade em poesia e a arte em um reflexo da natureza.

Inspirado pelo "Herbário Poético" de Emily Dickinson, que se faz um manifesto do olhar particular que um poeta tem sobre as pequenas coisas, compreendemos como a sensibilidade é vital em nosso registro das experiências. Dickinson, em seus versos delicados, capta a essência efêmera da vida, exaltando a beleza das flores e dos ciclos naturais. Assim como a poetisa, ao registrarmos nossos processos cênicos no caderno do diretor, devemos cultivá-los com a mesma atenção e carinho, propondo uma relação afetiva com cada elemento, cada nuance. Nossos cadernos tornam-se um legado, um mapa dos ritmos do jardim que nos conectam ao nosso próprio ser.

A conexão entre o caderno do diretor e os cadernos botânicos destaca uma inter-relação entre o fazer artístico e o conhecimento empírico. Ambos são práticas de observação, registro e contemplação. Ao refletir sobre os processos de criação dentro do espaço do jardim, somos chamados a considerar a importância da escuta atenta—não somente aos sons que nos cercam, mas também às texturas, cores e cheiros que compõem o ambiente. Essa escuta profunda revela os ritmos da Terra, permitindo que cada narrativa, seja ela cênica, literária ou botânica, se nutra da vitalidade do mundo ao nosso redor.

Portanto, ao nos dedicarmos a esse espaço simbólico, devemos lembrar que cada gesto, cada registro, possui o potencial de se transformar em um testemunho da vida. Nos ritmos do jardim, encontramos não apenas um cenário para a criação, mas um local de reflexão e entendimento. A arte se desdobra como um campo de possibilidades que brota das raízes da experiência humana, nos convidando a registrar, observar e celebrar as interconexões entre todos os seres, promovendo um entendimento mais profundo de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Assim, o jardim se torna um espaço sagrado onde a criação e a contemplação se entrelaçam, permitindo que a beleza da vida seja devidamente capturada e expressa.

COMPOSIÇÃO DE UM MÉTODO ORACULAR

- Considerações sobre a Experiência da Jornada no Jardim Terapêutico

1. ****Ressignificação Através da Arte****: A jornada pelo Jardim Terapêutico e a criação de "Hamlet" constituíram um processo de resignificação, onde a arte serviu como um meio de reconstruir narrativas e experiências.

2. ****Experiência Coletiva****: Os encontros foram uma experiência compartilhada, permitindo a construção de laços entre os participantes, reforçando a ideia de que a arte é um ato relacionante.
3. ****Vulnerabilidade e Autenticidade****: A vivência no jardim permitiu uma exploração da vulnerabilidade e da autenticidade, relevantes tanto para o fazer artístico quanto para as interações humanas.
4. ****Arte como Catalisador****: A arte se revelou um catalisador de transformação, oferecendo um espaço seguro para a expressão de emoções e a reflexão sobre a condição humana.
5. ****Resistência e Libertação****: Em um ambiente marcado pelo estigma da loucura, a prática artística tornou-se um ato de resistência, um caminho para a libertação individual e coletiva.
6. ****Caminhos Entre Corpo, Arte e Pensamento****: As experiências incentivaram a exploração dos interstícios entre o corpo e a arte, levando a uma compreensão mais profunda das emoções e pensamentos expressos.
7. ****Respeito pela Jornada do Outro****: A convivência e a colaboração demonstraram um profundo respeito pela trajetória de cada participante, reconhecendo a singularidade de cada história humana.
8. ****Sementes de Criatividade****: As interações e criações durante a experiência plantaram sementes que, com o tempo, poderão brotar em novas expressões criativas, ultrapassando os limites da instituição.
9. ****Direito à Arte****: A jornada consolidou a crença de que a arte é um direito de todos e uma necessidade vital, capaz de iluminar os espaços sombrios da indiferença.
10. ****Caminhos de Resiliência e Esperança****: A prática artística ajuda a trilhar caminhos de resiliência e esperança, transformando a paisagem emocional e social dos participantes.
11. ****Tapestry of Possibilities****: A intersecção entre teatro e docência revelou uma tapeçaria rica de possibilidades, incentivando a curiosidade e a experimentação.
12. ****Natureza da Pesquisa em Arte****: A pesquisa em arte, especialmente nas práticas teatrais, se configurou como um processo contínuo e aberto, onde cada passo é uma contribuição significativa ao entendimento da expressão artística.
13. ****Escrita como Meio de Expressão****: A escrita surgiu não apenas como produto final, mas como um diálogo em constante evolução, permitindo a análise e a comunicação das experiências vividas.
14. ****Variedade de Destinatários****: O processo de criação e pesquisa em arte abriu espaço para se considerar uma variedade de públicos e formas de receber essa expressão artística.

15. ****Ecos Além da Instituição****: O impacto da experiência transcende as paredes do hospital, abrindo possibilidades de que as vozes e as histórias encontradas ecoem em outras dimensões da saúde mental e da sociedade como um todo.

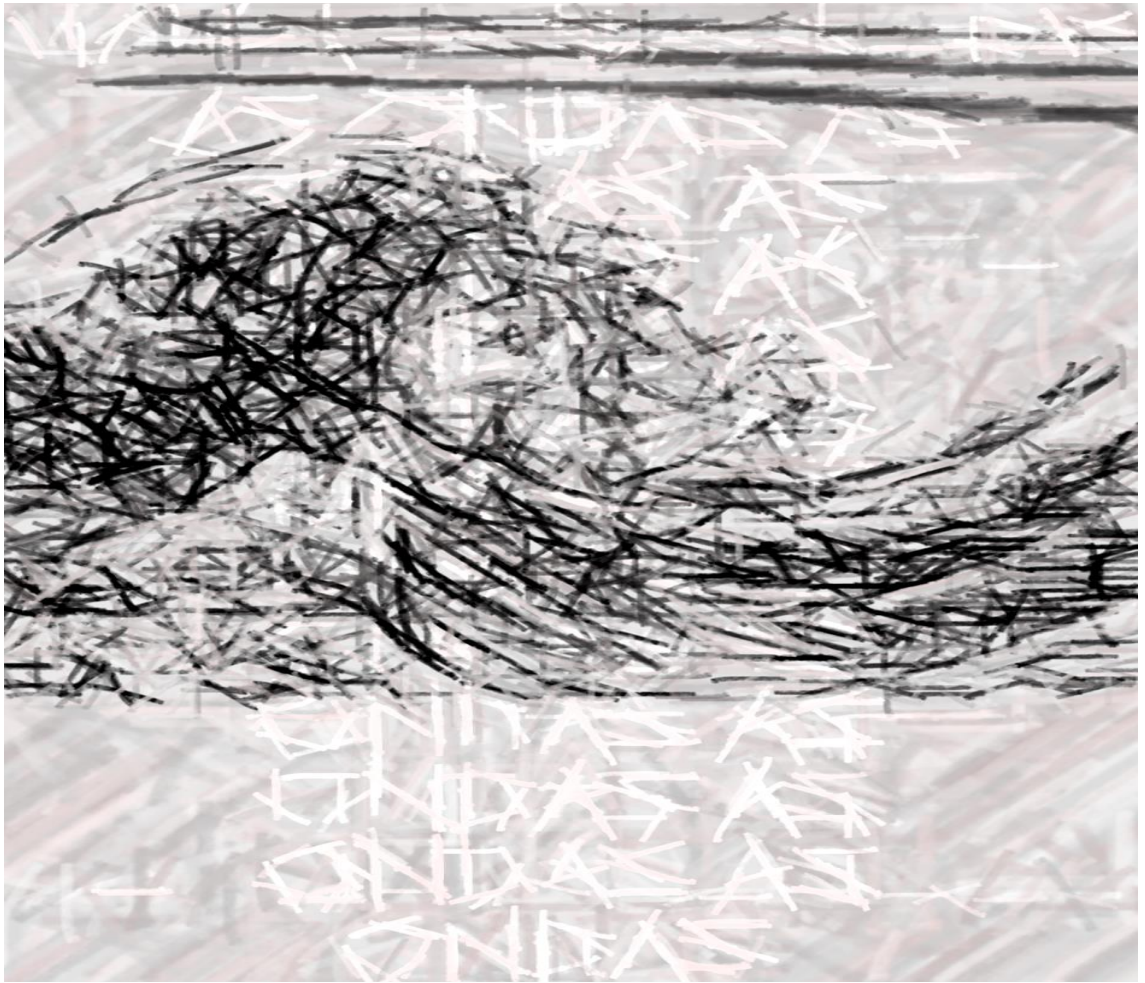
Essas considerações não apenas capturam os elementos centrais da experiência, mas também delineiam uma visão esperançosa de como a arte pode continuar a cultivar a saúde mental e o bem-estar humano.

COMO SEGUIR EM FRENTE?
COMO SEGUIR EM FRENTE?
COMO SEGUIR EM FRENTE?
COMO NÃO PARAR O
MOVIMENTO? COMO NÃO
PARAR O MOVIMENTO?
COMO CRIAR MOVIMENTO?
COMO CRIAR MOVIMENTO?
COMO FURAR O MURO?
COMO FURAR O MURO?
COMO DANÇAR COM O
REDEMOINHO? COMO
DANÇAR COMEÇANDO COMO
REDEMOINHO? COMEÇANDO
COMEÇANDO COMEÇANDO
RECOMEÇANDO COMEÇANDO
COMEÇANDO COMEÇANDO
RECOMEÇANDO COMEÇANDO
COMEÇANDO COMEÇANDO
RECOMEÇANDO COMEÇANDO
COMEÇANDO COMEÇANDO
RECOMEÇANDO COMEÇANDO
RECOMEÇANDO

A vida criativa não é linear. Não é uma linha reta de A a B. É mais como um ciclo ou uma espiral, onde você volta ao novo ponto de partida depois de cada projeto. Há um universo depois da exaustão a ser habitado por uma mente criativa. Mesmo depois de acharmos que já não temos ou não resta mais nada a criar. Antes disso, sempre corremos o risco de não ultrapassar nossos limites, nossa zona de conforto.

Às vezes terra, às vezes água. Seguimos entre a fixidez e a fluidez. Às vezes ancoragem, às vezes puro delírio. Pesquisar na via transversal entre o teatro e a saúde mental é como estar a bordo. Estar a bordo significa sair da nossa zona de conforto. Sair de nossa zona de conforto significa que nem sempre pisamos em terra firme. Às vezes as águas são lodosas, tipo limbo. Às vezes causa enjoo o cheiro forte da maresia e o balançar das vagas altas, às vezes esquecemos que estamos em alto mar e nos debruçamos na proa. Às vezes olhamos os quatro lados, formando a embarcação completa. Às vezes temos que semear em terras nunca roçadas. Semear significa valorizar primeiro o que se encontra às margens do desconhecido, onde cada rabisco é uma potência de alma humana. Semear significa navegar com cuidado pelo costado da emoção, caminhando na beira da compreensão, observando a beirada das histórias não contadas, a borda das tradições que se entrelaçam com o novo. Enquanto a luz da ribalta ilumina o sopé das verdades ocultas, percorremos a vertente dos sonhos e a fímbria do desejo coletivo. Na praia do ensaio, estabelecemos a barra do essencial, tempo e espaço envolvendo-nos na cercania das experiências compartilhadas. Semear nesse jardim, nesse palco, nessa sala de aula ao ar livre, significa aceitar a obra não acabada: são muito mais esboços feitos de notas e impressões, do que propriamente arquivos de dados. São conversas marcadas pela estranheza numa pesquisa que se propõe poética.

Nessa pesquisa eu vou compondo novas memórias. Vou retomando experiências sem me preocupar com a linha do tempo. Revisito notas de ensaios e as impressões de viagens viram matérias para esta composição. Traço as linhas de intensidade, e exercito o pensamento nômade, esses fragmentos retirados de cadernos e diários, junto a algumas leituras vão se apresentando/ atualizando com o que posso pensar e compor com o teatro hoje. A memória é fabuladora. A memória é uma criação. Não estou preocupada com o arquivo do real. Há sempre alguma fantasia ao contar uma história. Um jeito de pesquisar e estar sendo no mundo. É um ponto de vista. Daí a necessidade de pensar sob prismas. São tentativas de formular um gesto artístico.



MINHAS SETE
ONDAS:

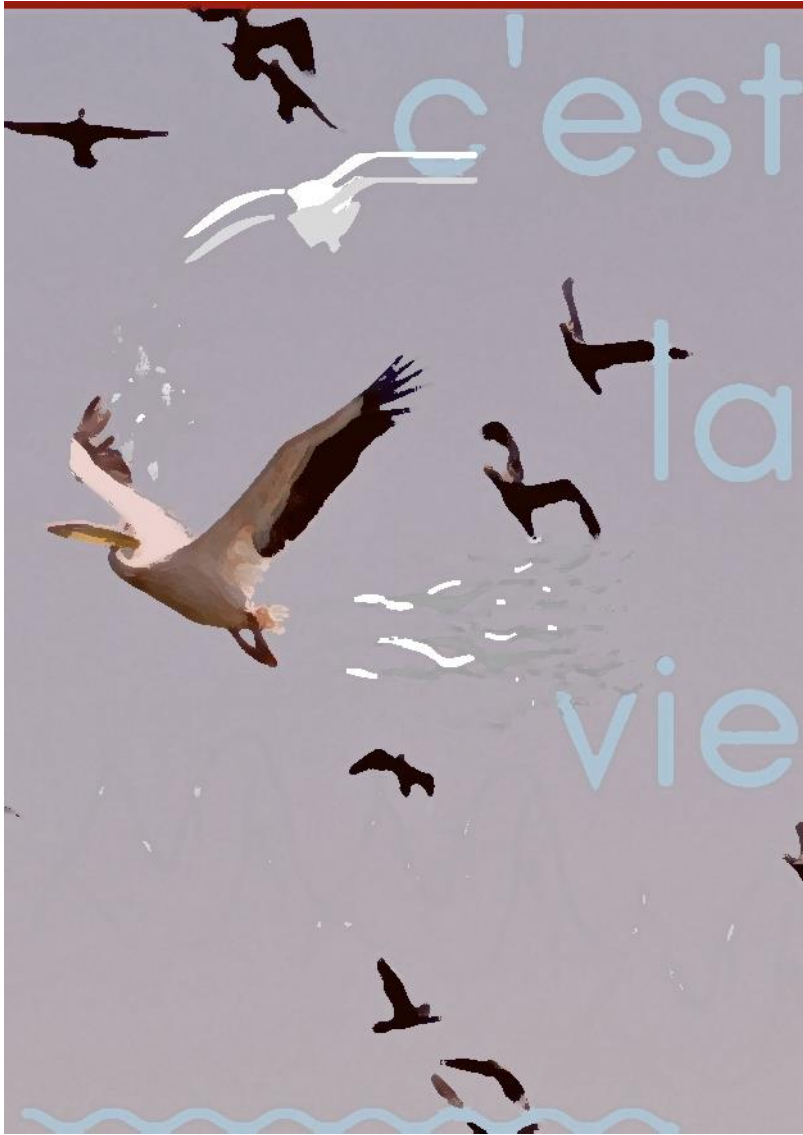
NA PRIMEIRA
ONDA OLHO
NO HORIZONTE
NA SEGUNDA
PENSO, ONDE
PULAR DA
PEDRA?

**PONTA DE LANÇA
LENÇOL DE
ACÁLMAR
PULAR DE PONTA
TECIDO ALMA-
MAR**

PONTO DE
VISTA LANÇAR
NA TERRA
O JOGO DE
EQUILIBRAR
QUE DA
QUARTA ATÉ A
SEXTA,
A QUEDA É
LEVANTAR-SE

**DEIXAR AS SETAS DO
DESTINO
POR DEBAIXO DO MAR
SUSPENSAS
PELOS NÓS
CAIR NA GENTE ATÉ O
SOL RAIAR**

AMOR E
DESORDEM
MEU SEXTO
SENTIDO
FAZ DISPARAR
ESSE SOL
NO CORAÇÃO
NÃO HÁ DE
VAGAR



No sábado vou mergulhar

De Ponta Cabeça

Pedra d'água arremessada

Queda livre

Amar é um abismar-se

Sem fim

Dá frio na barriga

Pelo grau de incertezas

Mede a inteireza

Oferece passos tontos

Toma distâncias

Cada canto da brisa boa

Dança de traquejos

Redemoinho do pensamento

Salve as sereias de Poseidon

Ondinas Dois As e um Rei de Paus

Decerto eram deusas

Que não sabiam rimar

E seus corpos-encantes

De âmbar elétrico

Soprando Ouros

Só diziam Sim

Em cada Copas
Batom desbotando
Amor revoltoso Fogo valioso
Beijos na boca
Faltando o ar
Reluz, é jogo!
Desce o santo
Uma carta em brasas
Flor desabrochando
Rainha do bailado
Dançar a Chuva
Presente desmanchado
Ventre vivo festejando-te
Os braços nus as mãos em conchas
Quadris manifestos
De repente saltaram derramando
Orvalhos bolinhas gotas
Nenhum trunfo
Caiu de beira
Ficou ocultando
Do tanto palavreado
Girando
Vai e vem
Amar torto caiu de pés
Caiu de quatro
Teu rio em mim ganhou as canoas

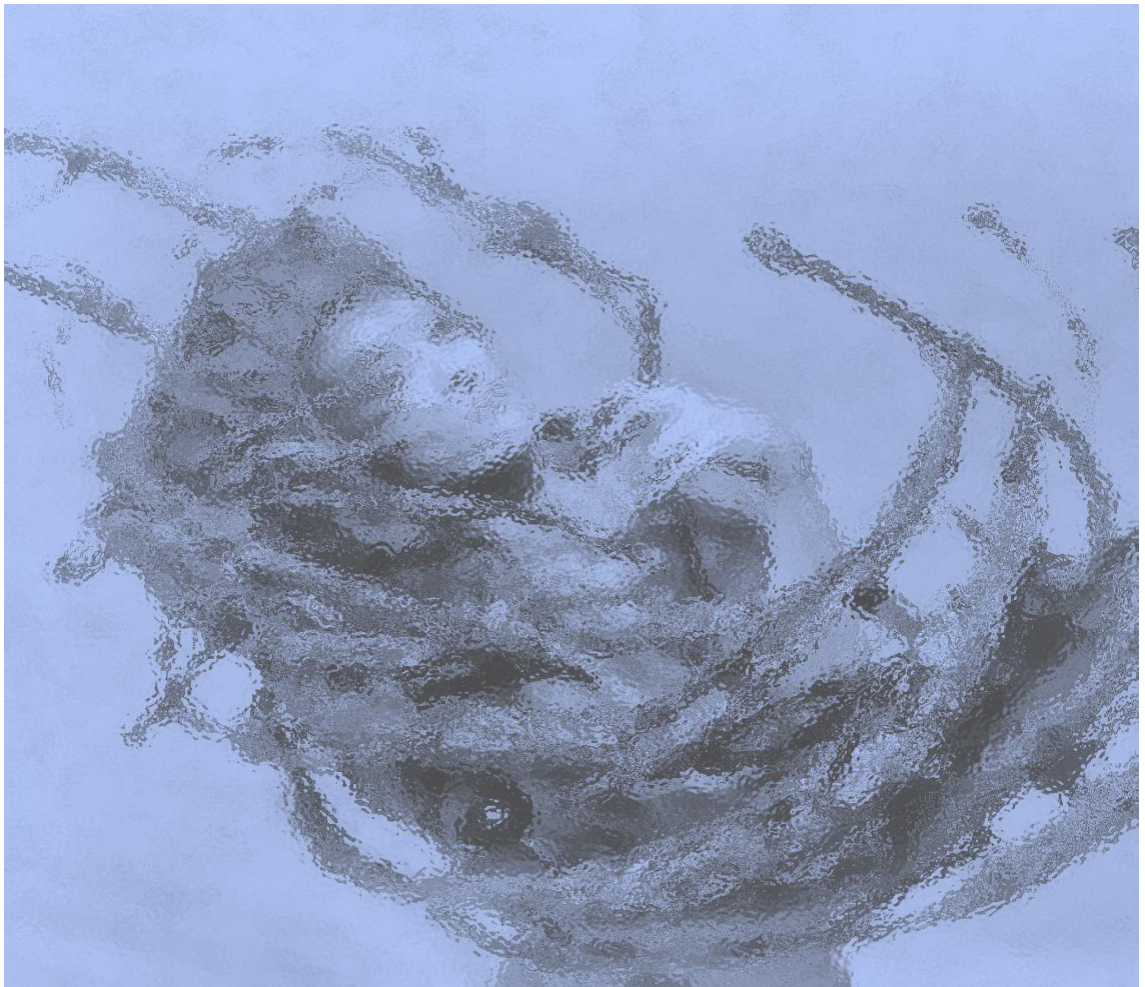
Veio dar no mar

Mareado lar

Pergunta-movente:

Quais sementes romperam a casca?

Começando recomeçando começando recomeçando começando recomeçando
começando recomeçando começando recomeçando como seguir em frente? Como seguir em
frente? Como seguir em frente? Como não parar o movimento? Como não parar o movimento?
Como criar movimento? Como criar movimento? Como furar o muro? Como furar o muro?
Como dançar com o redemoinho? Como dançar como redemoinho?



Parir nossos pensamentos

“... temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes, maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver _ isto significa, para nós transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; não podemos agir de outro modo.” (NIETZSCHE, 2007, pg. 13 Prólogo. A Gaia Ciência)

Um rio encontra seu curso depois que morre? Ela perguntou baixinho, tinha essa mania de pensar alto. Silêncio. Era uma manhã branca de outono, a lua crescente havia desaparecido. Lembro de sua voz enquanto escrevo no calor e conforto do meu quarto. Houve toda uma preparação: estou sozinha, recusei vários convites ao teatro e desliguei o celular. Minha casa fica afastada do centro, num bairro que parece com uma cidadezinha do interior, às 12h e às 18h em ponto, o sino da igreja toca anunciando o meio e o fim do dia. Não é raro escutar os feirantes e afiadores de faca anunciando seus produtos no meio da tarde. Esses sons me acalentam, diminuem minha sensação de distância e isolamento da vida. Há cerca de um ano ou mais, deixei de escutar os gritos eufóricos das crianças brincando na hora do recreio ou praticando esportes no ginásio da escola que fica aos fundos de minha casa. A escuta destes ruídos me impulsionam, ainda que agora os escute apenas como vozes longínquas em minha mente.

Nada está estático. Não sentes? Que semente é essa na mente? Será um embrião da vida? Pode ser que você saiba o que está dizendo. Você sabe. Você só pode estar sonhando. Estou falando da risada. Da forma como você ri. Para quem quer, é o momento! É? Sim isto mesmo. Você sabe que é. Sim, isso é muito interessante. Que mania você tem de esconder o que pensa... Impossível. O corpo diz tudo.

Uma vez aconteceu. Eu estava deitada naquela posição. E o telefone tocou. Tive de atender ao telefone, contrariada obviamente. Mentalmente tinha um plano: uma bomba relógio pronta para explodir em menos de dez segundos. Tinha de me livrar da pessoa antes disso. Medite sobre o que estou falando: meu plano consistiu em dividir uma risada em três partes totalizando em média oito segundos. A primeira parte da risada foi seca para avisar que fora engano. A segunda, em segundos, foi quando a pessoa emitiu um som, provavelmente, um pedido de desculpas. E a terceira risada foi estridente e estendida, antes mesmo de perguntar se ela desejava ainda alguma coisa. A pessoa desligou no ato. O fato é que nosso tempo livre serve para quê? Forjo ser aquilo no momento, mas não poderia repetir nem conservar este tipo de coisa...

De outra maneira você sempre me cansa. Quem sabe, você saiba o que eu quero aqui neste momento. Será que você quer me agradar? Quero. Será que é isso? Só isso?

Você sabe ao menos como terminar isso? Saber começar, saber terminar, lá vem você outras vezes, nas outras repetidas vezes também é assim que terminamos. Você quer tudo de uma vez. Não se pode ser pela metade. Para isso você só precisa decorar o seu papel. Mas antes, é preciso devorar a vida.

O conceito de Vida para Nietzsche tem um sentido trágico. A moral é a paz para o medíocre, porém não há paz nem trégua na vida. A vida fere; a vida é violenta. A vida é criação. É pela *Vontade de Potência* que podemos superar a tragicidade da vida e não se adaptar a cadeia natural da sobrevivência; negar uma adaptação, mas afirmar uma superação. Parimos nossos pensamentos junto a nossa dor. E o prazer de criar as vezes dói mais que a própria dor. Criamos com todo “*nosso sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós.*” (NIETZSCHE, 2007, pg 13: GAIA CIÊNCIA)

“Este mundo é como um cântaro/ O espírito é como um rio. Este mundo é uma alcova, / O coração, uma maravilhosa cidade.” (RUmi M & **Mas-navi**, IV, p. 811

Significado de Reverberar. verbo intransitivo Refletir claridade ou calor: do alto do morro viam-se as luzes reverberando. verbo transitivo direto Fazer com que alguma coisa seja refletida; ocasionar reflexão: os espelhos reverberam imagens claras. [Figurado] Fazer com que seja percebido; tornar claro: as escrituras reverberaram as palavras de Deus.

Cage fez **reverberar** ideias de Duchamp em artistas com quem colaborou e as estendeu à música, à pintura, à escultura e à dança americanas do pós-Guerra.

1. Minha terapia em 20
2. Haw you fell? How you fell
3. Escrever/Falar – instrumento
4. Paixão patológico
5. Fio ténue
6. Tem como curar as paixões? Partimos do impossível. Deveria não ser carência? Um encontro poético se afirma. O outro que não eu...
7. Desejo OUTRO
8. Que se afirma CORPO VOZ ESCRITA: POÉTICO
9. Nessa reunião é possível curá-la
10. Escrever/falar transcrever o áudio
11. Patologia – lógica das paixões
12. Afetos alegres
13. Afetos tristes
14. Corpo do texto arrebatada o poético da vida
15. A piração dom da vida é o pulsional dessa terra
16. REVERBERAR
17. REVER BEIRAR
18. REVER BERRAR
19. VERBO
20. “Escrita bailarina” sobre a arte pela arte...
21. Tocou e deu nisso Da minha Terra
22. Autorizada libertária

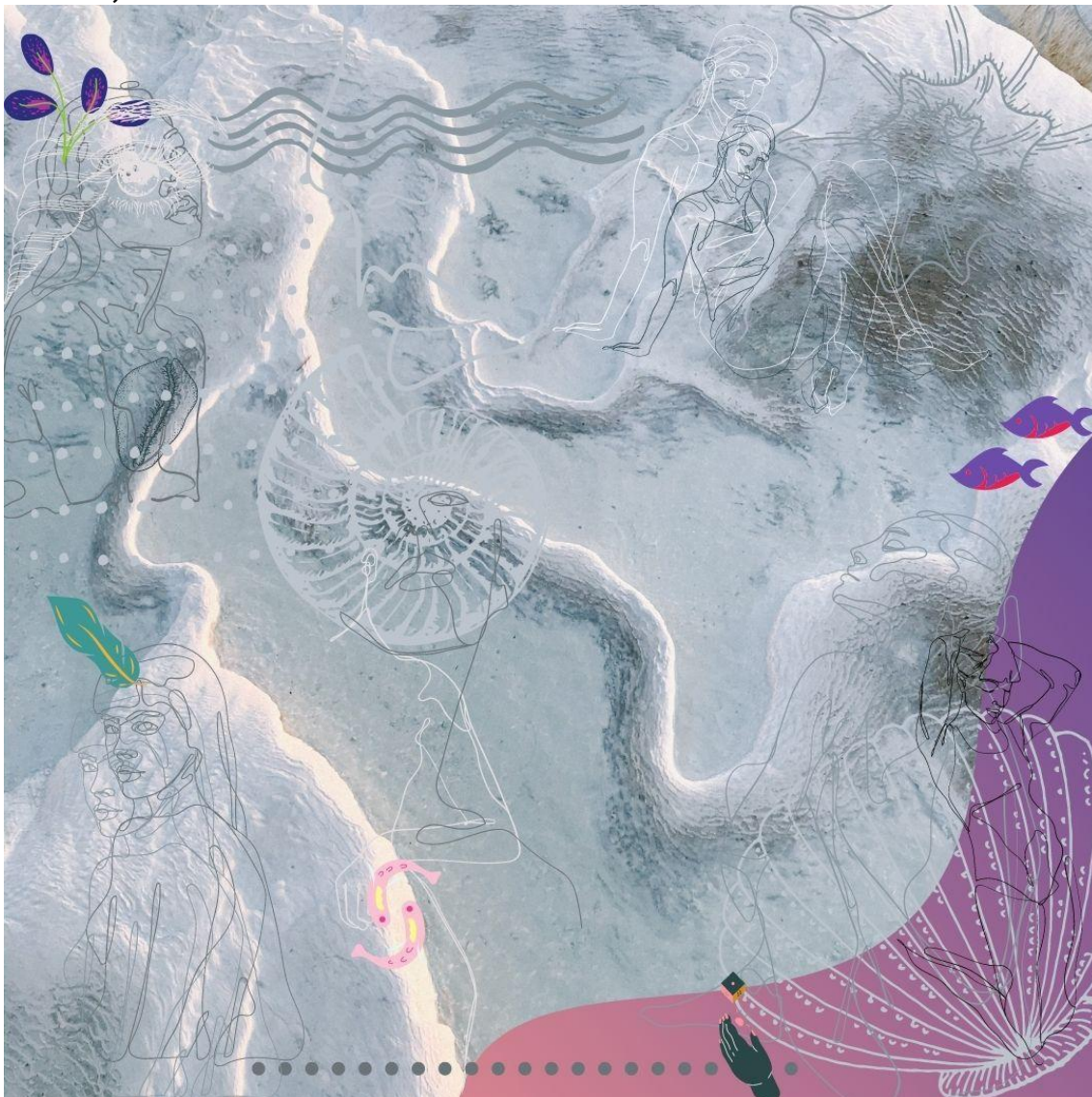
23. Que sexo é esse que não se faz? Sexo com o texto... Travessia de coragem de mulher. Cegueira da paixão. Massacre.
24. Pai nosso que estai no céu e na terra...
25. Sim e não FORÇA Não basta um único olhar
Quantificação
Imagem 2

Filamentos mínimos, Tecidos-alma-mar

**Ganhando corpo, crescendo algas, musgos,
devir-vegetal, um lençol de acalmar**

Diminuindo as mães D'águas, as queimaduras também

Neste rio caudaloso, São sinais sutis da vida assinando embaixo,



Estou lendo “A FLOR QUE Nasce Do Fogo”

“Nasci furado

Sopra um vento terrível.

É só um buraquinho no meu peito

Mas sopra lá dentro um vento terrível.

(...)

Outros Começos, Notas Finais

Para começos, uma sinopse do exercício. Sementes jogadas ao vento, mas dentro de um certo enquadramento. Queremos nos fazer entender. Queremos exercitar uma escuta fina daqueles que estão presentes

Palavras vivas, palavras não petrificadas. Somos objetos da enunciação.” Porcelana e Vulcão. Somos feitos da enunciação e o que dizemos pela linguagem”. (Foucault)

Há que se dizer sempre a partir de uma ruptura de uma quebra, de um rasgo.

A rota de silêncios é quase imperceptível. Não se podem borrar e isso não significa que vamos conseguir juntar palavra e sentido. Na comunicação há o risco de achar que a gente fala para comunicar algo ou que a gente poderia cair numa alopração e achar que falar o que quiser esta bom.

Enquanto existir uma tensão, uma terceira via, do enquadramento, da consistência. É o que faz a fala, a boca, a língua funcionar de outra maneira. Você não fala mais para comunicar, mas de repente você pode falar para cantar. Tentar ir para o grupo do encantamento. Você não subjuga a sua linguagem para ela funcionar de uma maneira que ela se conforme, que ela dê limite, que ela classifique as coisas...

O que se entende por pesquisa em Artes Cênicas? É escrita e reflexão? Ou pode ser ação, poesia e manifesto? Que outras formas possíveis da pesquisa em Artes movem nossos desejos. E como escolher o tema de pesquisa? Se escolhe um tema ou se elabora uma questão?

Estas são ocupações legítimas de todo artista-pesquisador.

Como organizar o tempo? Como preparar a casa? Como sossegar a mente? Como de fato iniciar a escrita da pesquisa? Como se olha nosso objeto? Como desenvolver a escrita? Uma pesquisa pressupõe uma investigação sistemática no encontro de soluções. Estabelecer questões e métodos.

Mas e se ao pesquisar fossemos nos deixando envolver pelas matérias pesquisadas e só aí elas, as questões, fossem se desdobrar no coração do corpo da pesquisa. Sem premeditações.

O método racional pode ser muito interessante para estruturar o pensamento. Pretendo nessa pesquisa mesclar o método racional e o intuitivo. Intensificando as forças criadoras sensíveis em rios obscuros e bosques poucos explorados e também emergindo com prazer a organização da” casa do lago e seu jardim.

Experiências com Oráculos, aulas. Composições oraculares de uma aula/ensaio.

E tudo por fazer: Uma vivência de arte no jardim para coletar sementes e delas uma ponte para práticas corporais e expressivas.

-No caso dos artistas, há aqueles que realizam conscientemente pesquisa em arte, e outros que trabalham de uma forma mais intuitiva. Sem esse processo de conscientização não se pode entender qualquer pesquisa de procedimento racional. A possibilidade do texto atuar como uma extensão do pensamento criativo daquele artista (texto como obra); // A possibilidade de trazer referências daquele artista e seu

repertório; I A fala em primeira pessoa e possivelmente um discurso mais descomprometido com o estilo formal.

// Para ser considerada pesquisa em arte, o processo de trabalho poético também deve envolver um problema a ser solucionado, uma premeditação e conscientização das etapas realizadas. Os resultados da pesquisa são diferentes daquele na história da arte, pois se apresentam contidos nas obras de arte.

// O texto que pode surgir da pesquisa poética serve de instrumento para pesquisadores da arte; // Nesse caso, trata-se de uma visão interna do processo; por isso pode gerar uma dificuldade em refletir sobre aspectos que não estavam previstos em seu trabalho (falta de distanciamento).

http://artcontexto.com.br/artigo-edicao06_claudia_tavares.html

Esta pesquisa mistura os processos poéticos e a pesquisa teórica. Conjuga Artes Cênicas e Filosofias da Diferença.

Eu gosto da possibilidade de pensar os meios tecidos por essa escrita cênica de aula em que abarca corpo-gesto-semente; palavras, movimento e espaço.

Almeja-se conhecer melhor este território poético do jardim e explorar as potências esquizo-cênicas. Por certo há um envolvimento pessoal e a partir de certo ponto da oficina imersiva, de uma certa integração e confiança, ações práticas e artísticas serão produzidas. Gerando um campo fértil para pensar sobre quais sementes valem lançarmos neste momento. (e como (eu) posso contribuir? Como posso dar andamento às sessões já realizadas?).

Esse TCC fagulha o exercício poético do pesquisar/criar uma aula e as experiências, aproximações, conexões e desconexões com o teatro em Saúde Mental. Quer dizer, não está focado na escola, mas na experiência de constituir espaços sensíveis. .

Na feitura desse oráculo, vamos nos interessando não só pelas possibilidades de escolhas (ainda latentes, possíveis) aqueles objetos de estudo que irão integrar os princípios para começar uma aula, e aqueles que vão se delineando somente ao longo do tempo mas sobretudo pela travessia dessa mesma aula que irá se repetir com novas

Inspiração para as coletas de grãos, galhos, pedras, pétalas despedaçadas...

Colecionar, coletar, criar. Agnès Varda faz da observação dos alimentos rejeitados para o que alguns coletam; da batata em forma de coração a uma exposição de artes visuais. Modos cada vez mais complexos. Finalmente, Que nosso texto/plano de aula, pano de fundo para fazer do corpo ativo no pensamento, que tenham algo de fecundo, matricial. Que eles mostrem nosso desejo em relação àquilo que dá a pensar. Bebam daquilo que dá a dizer.

Que possamos impregnar nossas aulas de um modo de existência que avança obliquamente, sem tanta afirmação de filiações religiosas, sem tantos credos, sem tanta vaidade. Mas sincera, honesta e seriamente disponíveis ao que jorra, espontâneo, de inúmeras experiências.

Um corpo no encontro com tantos outros corpos, sujeito-objeto se misturam nesta investigação que vai mergulhando e imergindo a ideia de um corpo que se expande através da escrita, da cena, da voz, da experimentação de si. Ao criar estes atos compositivos atua pelo atravessamento das matérias da pesquisa e o (uso) destas para escritas e ações performáticas, intensivas. Quem performa é a linguagem, assim faz do eu, um desaparecido e abre espaço para outras vozes, gestos, geografias. Persegue-se uma razão nômade, escrita vibrante. Em vez de uma TCC, um jogo, um Oráculo, com cartas em vias de se fazer. Seguiremos não um modelo de racionalidade, mas um modo de expressão artística, poética e filosófica.

Poéticas do Semear – Movimentos Poéticos na Pesquisa em Artes Cênicas

Quem fala em mim? Qual das vozes se deixam ser ouvidas ao pé da escada? Noite de Lua Nova. Foram muitos os elos dessa jornada. Alegria de encontrar muito mais conexões do que desconexões.

Eu trago para esta escrita uma reflexão sobre as possibilidades de jogo na aula.

Enquanto escrevemos um texto, perguntamos escreve-se para quem? Escreve-se com quem?

Um ator precisa de público, alguém que o assista para chamar de teatro. Um leitor é o elo do escritor. Um professor de uma turma, de um grupo de pessoas interessadas e interessantes. Não necessariamente assinando embaixo.

E esse, o tal professor-pesquisador, o inventivo e visionário, o performer E se ele não precisasse ser nomeado, reconhecido, aprovado.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O reino e o Jardim**, editora n-1, tradução Vinícius Nicastro Honesko, 2022.

BYUNG-CHUL, Han. **Louvor à Terra: Uma viagem ao jardim**, editora Vozes; 1ª edição, 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

ECO, Umberto. **Da árvore ao labirinto - estudos históricos sobre o signo e a interpretação**, editora Vozes, 2013.

FEITOSA, Charles. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura**, editora, ano

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) *Estratégia, poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos; IV) p. 203-222. (ref amanda)

LANCETTI, Antônio. **Clínica Peripatética**, editora

ROSSET, Clément. **La Antinatureza**, editora Taurus, 1974.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **Roland Barthes - Biografia**, editora 34, 2021.

Artigos consultados:

Krippner, S. / Rev. Psiq. Clín. 34, supl 1; 17-24, 2007gos:

[Deleuze e Guattari - Rizoma • Mil Platôs • Razão Inadequada \(razaoinadequada.com\)](#)

Sugestão de canais/vídeos disponíveis no Youtube Canal :

Canal SELVAGEM – Ciclo de estudos sobre a Vida
<https://www.youtube.com/c/SELVAGEMciclodeestudossobreavida/videos>

Canal do PET Fitoterapia (UFCG)

https://www.youtube.com/channel/UCtYsRzN3PGIDD_iMRpD9Row

Nesse canal você vai encontrar todas as aulas do II Curso de atualização em Fitoterapia, que ocorreu ao longo do segundo semestre de 2020. Temas relevantes para a Fitoterapia atual, como por exemplo: Etapas do desenvolvimento de Medicamentos Fitoterápicos; Farmacoquímica; Cultivo de Plantas Medicinais; Cannabis medicinal; Farmácias Vivas e outras experiências exitosas de promoção da Fitoterapia na Atenção Primária de Saúde, entre muitos outros! Canal Biblioteca Virtual de Saúde em Medicina Tradicional, Integrativa e Complementar – OPAS/OM